

Antígona Gelada: Um manifesto gnóstico

Antígona Gelada: A gnostic manifesto

Telmo Alexandre Ferreira¹

Universidade de Aveiro

teulmo@gmail.com

ORCID: 0000-0001-8364-0932

Palavras-chave: Liberdade, Teatro, Armando Nascimento Rosa, *Antígona Gelada*, *Antígona*, Gnosticismo.

Keywords: Liberty, Theatre, Armando Nascimento Rosa, *Antígona Gelada*, *Antígone*, Gnosticism.

A *Antígona* de Sófocles é possivelmente a mais influente de todas as tragéias gregas que chegaram até aos dias hoje. Provas da sua resistência aos tempos são encontradas nas múltiplas encenações deste texto que, ao longo dos anos, foram levadas a palco. De todos os pontos do globo e à luz de diferentes culturas, os espetáculos levados à cena privilegiaram, entre outros, temas como: a subversão do indivíduo perante o estado, a liderança política baseada na coação, a honra e o compromisso perante a família. Contudo, a maior parte das receções modernas são caracterizadas pela ênfase na dicotomia hegeliana entre a família (*oikos*) e o estado (*polis*). Esta é representada por Creonte, um dirigente político cuja obstinação o conduz à sua queda (e à queda da sua família) e por Antígona (sua sobrinha), que resiste à autoridade civil ao sepultar o seu irmão (Andujar & Nikoloutsos, 2017). Apesar disto, a opção por este ímpeto comunicativo hegeliano não pode, por si só, conduzir às inúmeras encenações representadas pelos mais renomados artistas até à contemporaneidade.

A História ocidental deixou-nos uma herança de textos teatrais críticos criados por autores como Brecht ou Erwin Piscator que, pela sua direta relação com o mundo moderno, com maior especificidade descreveriam os movimentos sociais e políticos da época (muitos deles permanecem até aos dias de hoje), podendo, numa visão meramente prática, ser a melhor opção de um encenador.

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT- Fundação para a Ciência e Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto com o seguinte identificador DOI: <https://doi.org/10.54499/2023.01598.BD>

Mas, apesar das imensas representações dos textos destes autores, *Antígona* nunca perdeu lugar nos palcos. Tal leva-nos a crer que a influência desta tragédia não se cinge apenas à comunicabilidade de uma receção moderna. O interesse deste texto reside numa particularidade que o torna tão intemporal quanto as imperfeições inscritas na condição humana, o mito de *Antígona*.

Na visão de Mircea Eliade (1963), os mitos revelam a origem da condição atual do homem num tempo “cosmológico”² pois o essencial não está vinculado a uma origem teológica, mas sim a uma fábula. Uma fábula simultaneamente divina e humana.

O arquétipo sofociano de *Antígona*, além de conter as receções acima enunciadas, mostra-nos algo que não facilmente pode ser sustentado à luz de uma compreensão social ou psicológica. É possível assumir que existe um discurso ontológico inscrito no arquétipo de *Antígona*.

No auge da batalha pela posse de Tebas, Polinices e Etéocles, ambos filhos de Édipo, morrem por um golpe mútuo de suas espadas. Tal leva a que Creonte, seu tio, se torne no regente político da cidade anteriormente governada por Etéocles, à revelia de um acordo de honra entre irmãos. A sua necessidade de afirmação política leva Creonte a distinguir com honras fúnebres Etéocles e a proclamar aos cidadãos a Tebas que ninguém poderia dar sepultura a Polinices. *Antígona*, vendo neste ato a imensa desonra à sua família, decide prestar honras fúnebres ao cadáver de Polinices, o que desperta a ira de seu tio que a condena ao encerramento vivo numa caverna remota. Este ato de tirania por parte de Creonte leva a que o seu próprio filho, Hémon, desenfreadamente inicie uma procura pela infame caverna onde a sua noiva *Antígona* seria sepultada viva.

No cárcere a si destinado haveria alimento suficiente para que a cidade pudesse fugir ao sacrilégio³. Pouco tempo passaria entre a sua entrada na caverna e a tentativa de resgate de Hémon. Porém, nada abrandaria *Antígona*: “É como se a morte tivesse para ela um apelo poderoso” (Rosa, 2021)⁴.

Desde o início da peça, *Antígona* mostra-se destemida em relação às possíveis repercuções do seu ato de subversão. Existe uma vontade explícita de estar com o seu irmão Polinices e os seus parentes mortos e, apesar da paixão evidente que Hémon tem por si, o amor de *Antígona* pelo seu noivo é menor que a sua atração pelo mundo dos mortos.

Como referido por Andújar & Nikolautsos (2018), a ética do seu sacrifício pessoal não é clara e diverge, a este nível, de acontecimentos análogos em tragédias gregas. Dos muitos casos em que a vida é voluntariamente dada como sacrifício, especialmente por jovens mulheres, a maioria acontece para um bem

² Apresentado pelo autor como o tempo que precede ao primeiro tempo, aquele que onde foram criadas todas as coisas (Eliade, 1963).

³ A partir do discurso de Creonte “... ocultá-la-ei viva numa caverna escavada na rocha, dando-lhe de alimento só o necessário para fugir ao sacrilégio, a fim de que a cidade evite qualquer contaminação” (Pereira, 2017, p. 136).

⁴ Citado na entrevista ao marcador de 01h34m06s.

maior da comunidade⁵. No presente caso, tal não se verifica, uma vez que não existe um claro benefício no plano material e social, com o sacrifício de Antígona. Pelo contrário a personagem renega os seus laços com os parentes que lhe restam, nomeadamente a sua irmã.

Antígona rege-se por leis alheias às vigentes na *polis*. As suas motivações para as honras fúnebres de seu irmão passam pelo cumprimento de *preceitos, não escritos, mas imutáveis dos deuses*⁶, o que revela a *gnose* de uma dimensão transcendente, superior a imperfeições que poluem a dimensão terrena da existência. No seu *agon* com Ismena, Antígona refere que “é mais longo o tempo em que devo agradar aos que estão no além do que aos que estão aqui” (Pereira, 2017, p. 104). Por conceber a insignificância da sua existência terrena, quando comparada com a eternidade, Antígona, assim que honra o compromisso divino de sepultar seu irmão, nada mais lhe resta senão acabar com a sua vida, libertando-se da sua prisão corpórea.

Segundo a conceção gnóstica, vivemos num mundo de má qualidade, poluído por erros e defeitos, criado por um deus menor (Demiurgo). Este, na melhor das hipóteses, é um bufão negligente e na pior uma ameaça malévola. O caminho para a abolição do sofrimento é a procura por uma entidade maior que o artesão deste mundo, um Deus superior, indiferente a esta dimensão que aprisiona a “centelha divina” num corpo humano (Smith, 2018).

O desfecho trágico do mito de Antígona pode ser visto à luz de uma solução gnóstica de abolição do sofrimento. Antígona parte de uma conceção demiúrgica da sua existência ao verificar a profunda injustiça que se abateu sobre a sua família, ao reconhecer um plano superior àquele a que está aprisionada, ao manifestar a sua espiritualidade pelo cumprimento de leis superiores às vigentes no plano terreno e, por fim, ao decidir libertar-se da condição existencial humana na urgência do seu sacrifício.

Para os primeiros gnósticos, o entendimento humano pode ser considerado dentro de três categorias, sendo estas a *Hílica* que dá importância aos eventos físicos da vida de um indivíduo, a *Psíquica* que se baseia na compreensão intelectual e emocional e, por fim, a *Pneumática* que comporta uma leitura da natureza espiritual do ser (Miller, 2010). Sob esta última visão, evidências da natureza do espírito de Antígona residem na “predisposição semântica do seu nome para a morte” (Rosa, 2021)⁷. A justaposição de palavras no grego *Anti* – (do lado oposto)⁸ e *Gone* – (origem da vida)⁹ traçam a imagem de que o caminho de Antígona segue uma direção oposta à vida, o que, segundo Rosa (2006), traça o arquétipo da personagem. Imagem essa que se inscreve, a partir da leitura do autor, no inconsciente coletivo junguiano.

⁵ Exemplo de Macária, em *Filhos de Héracles*, e Ifigénia, em *Ifigénia em Aulis*. Consultar Andujar & Nikoloutsos (2017).

⁶ A partir da interpretação de Jebb (1900) onde se lê “unwritten statutes given by the gods”.

⁷ Citado na entrevista ao marcador de 01h39m39s.

⁸ A partir de definição presente no *Online Etymology Dictionary* (2001).

⁹ A partir de definição presente no *Online Etymology Dictionary* (2001).

Segundo a conceção de Rosa (2006), o teatro gnóstico parte de uma tradição teatral arquetípica de raízes dramáticas da Grécia Antiga (que utiliza imagens e enredos míticos para estabelecer conexões comunicantes entre o inconsciente individual e o inconsciente coletivo) para levar a sua comunicação a um nível mais profundo, aquilo que o autor considera como a função transcendente de Jung.

À luz de uma curiosidade gnóstica, Armando Nascimento Rosa cria *Antígona Gelada*, uma reescrita do mito de Antígona, que pretende evidenciar a essência do arquétipo de Antígona, ao isolá-la dos demais elementos (espaciais, sociais, psicológicos, biográficos) presentes no texto de Sófocles, ressignificando o mito num novo enredo localizado no imaginário sci-fi¹⁰ distópico do futuro.

Antígona Gelada, resultado do cruzamento da tragédia grega com o imaginário literário das distopias futuristas, provoca-nos, no espaço que muitos colocam como último reduto para a salvação humana, com a visão gnóstica de que a imperfeição nasceu com a própria origem do mundo e que o labor de “demiurgo” muito possivelmente virá a resistir à evolução social e tecnológica.

Em entrevista que nos deu, Rosa (2021) desvenda que o encenador João Mota¹¹, em tom divertido, lhe confidenciou que, na sua opinião, todo o texto de *Antígona Gelada* parecia ter sido escrito especialmente para culminar nas réplicas da protagonista precedentes à sua morte. Eis um excerto de uma das falas finais de *Antígona*:

És um felizardo. Talvez vivas toda uma vida sem o descobrires. É um conhecimento que não te desejo. Perceber que a vida é uma experiência medíocre. Sentir que cada um de nós é o passatempo fútil de um deus louco, que se ri à nossa custa. E nós vamos mantendo a vida a todo o preço, programados pelos genes. Como se isto fosse o bem mais valioso do universo. Achas que o gado de matança gostaria de viver se tivesse consciência de que o estábulo onde fossa termina no matadouro?¹² (Rosa, 2008, p. 119)

Apesar do seu tom irónico, a observação do Encenador é reveladora de um fenómeno estrutural da obra de Rosa. Embora, em consonância com a essência da *Antígona* Sofociana, o discurso da *Antígona* de Rosa dá particular destaque à natureza gnóstica da sua urgência pela morte. A construção ficcional do Autor evidencia simbolicamente em *Antígona* o “protesto ontológico perante aquilo que somos” (Rosa, 2021)¹³, considerando que espaço, tempo, relações e a própria história das personagens sejam uma construção ao serviço desta visão.

A conceção de espaço-tempo em *Antígona Gelada* afirma-se talvez como um dos pontos mais evidentes do estilo de reinterpretação simbólica no texto. A relocalização interplanetária de Tebas indica o mapeamento astrológico da natureza espiritual da protagonista. Por inerência arquetípica, Antígona é a personagem

¹⁰ Diminutivo de *science-fiction* (ficção científica em Português) (Dictionary.com, 2012).

¹¹ Encenador da primeira montagem de *Antígona Gelada* (CENDREV – Centro Dramático de Évora, Teatro Garcia de Resende, Évora 2008).

¹² Excerto de fala de Antígona dirigida a Meteco (guarda ao serviço de Tebas 9).

¹³ Citado na entrevista ao marcador de 02h03m31s.

que mais longe deseja estar da vida. Assim, dentro do sistema solar deveria habitar o mais afastado possível do Sol e na última paragem, antes do vácuo infinito do espaço sideral: o satélite Caronte que orbita em Plutão. Ao relocalizar a ação para este corpo celeste, o autor intencionalmente provoca uma leitura que deve ser feita à luz da semântica. Caronte (satélite) possui o mesmo nome que o barqueiro que transporta as almas para a última morada Hades/ Plutão.

Como se percebe, pela entrevista com o autor (Rosa, 2021), o espaço do texto está imediatamente ligado ao tempo, sendo o último uma consequência da proposta espacial. Nos dias em que vivemos, a humanidade apenas conseguiu chegar à Lua. Por isso, a conceção real de alguém habitar fora do planeta Terra apenas pode ser considerada no futuro.

Conceber ficção a partir do futuro não obriga ao nível de plausibilidade factual do presente ou do passado, contudo torna-se quase impossível criar ficção sobre o futuro sem, em algum nível, recorrer à influência do padrão estabelecido como ficção científica. Dos múltiplos *wormholes* ficcionais deste estilo, o que mais se pareceu adequar à natureza de Antígona é a distopia futurista presente em autores como Aldous Huxley¹⁴, Phillip K. Dick¹⁵ ou Frank Herbert¹⁶ pela estreita relação destas conceções ficcionais com a própria tragédia grega. Ao situá-las no futuro, as obras tratam fragilidades da condição humana que nos acompanham desde o início dos tempos, o mesmo chão mitológico das tragédias gregas na perspetiva de Mircea Eliade (1963).

Phillip K. Dick, marco literário na criação de distopias futuristas e inspiração assumida pelo autor para *Antígona Gelada*, mostra-nos em *Do Andriods Dream About Eletric Sheep* o quão pérfido pode ser o futuro, afetando-nos de forma inconsciente pela plausibilidade que problemas surgidos amanhã sejam provenientes de vícios de origem da condição humana.

Em Tebas 9, colónia de extração de gelo onde habita Antígona, a manipulação genética é uma realidade que se pode observar, tanto nos “instrumentos de guerra” que são os mutantes que habitam o satélite, como em clones (exemplo de Jocasta 2) que seguem a proposição dos androides de K. Dick e em tudo se assemelham ao ser humano, podendo em matéria emocional ultrapassar os seus criadores¹⁷, sendo, no entanto, considerados como elementos inferiores da sociedade.

Após a sua morte, provocada na sequência do ataque nanotecnológico falhado contra Creonte, Polinices aparece em sonhos a Antígona, rogando para que possa renascer no ventre de sua irmã na forma de um clone. Este pedido acedido por Antígona, comparável às honras fúnebres na tragédia Sofociana, despoleta toda

¹⁴ Destacando-se a obra *Brave New World*.

¹⁵ Destacando-se a obra *Do Andriods Dream About Eletric Sheep*.

¹⁶ Destacando-se a obra *Dune*.

¹⁷ Referência ao teste de Voight-Kampff, da obra de K. Dick (2010) em que alguns dos androides são difíceis de distinguir em matéria emocional dos humanos, por revelarem grandes níveis de empatia.

a ação do texto, levando a protagonista a agir contra as ordens de seu tio¹⁸. Contudo, no processo para a clonagem, Antígona acaba por descobrir que o rastro de morte que assombra a sua linhagem não advém só de uma sucessão de infortúnios trágicos (como em *Antígona* de Sófocles), mas antes de um erro inscrito no sangue que lhe corre nas veias.

Antígona, do encontro com Crisipo (e posterior confirmação por Tirésias), descobre que é bisneta de Esfinge, uma cobaia de uma irresponsável manipulação genética, no intuito de criar o soldado ideal. O resultado físico desta manipulação encontra-se visível em Crisipo, cujo corpo evoluiu progressivamente para uma aberração mutante e sua mente num campo de batalha permanente com a loucura. Édipo, então filho de Crisipo por inerência, havia sentido sintomas de manifestação mutante tendo-se exilado no coma gelado da sua hibernação. Com Polinices, diz Rosa que, apesar de menos claro que os precedentes, tudo indica que o arrojo no atentado¹⁹ que cometeu contra Creonte consistisse num suicídio. Pela sucessão geracional de genes mutantes, tal como o sucedido em Édipo, é possível que Polinices tenha corrido para a sua morte no mesmo impulso que seu pai para o exílio. É possível que a eminência de uma transmutação genética os tivesse levado a considerar a sua existência amaldiçoada.

Não era só Creonte que ele (Polinices) queria matar. Era também o seu próprio corpo de mutante, que ele sentia já a transformar-se. Polinices correu para a morte e pediu-me para nascer outra vez. (Rosa, 2008, p. 101)

Se, por um lado, o pedido de clonagem de seu irmão deve ser atendido, em Antígona também emerge a gnose da sua condição fisiológica. Das análises clínicas a seu corpo, a protagonista descobre que, para além da sua eminent transfiguração física e psíquica, é também incompatível com a criação de vida. Existe a possibilidade, citada por Tirésias, de reverter todas estas manifestações, inclusive a sua infertilidade, através de um processo moroso. Contudo, Antígona tem uma urgência desmedida em todo o processo, não concebendo esperar mais um segundo. Tal acontece porque percebe que a reprodução de um clone idêntico a seu irmão não o trará de volta: “ela percebe que a vida não se resume à sua expressão fisiológica do seu genoma” (Rosa, 2021)²⁰. A única forma de estar verdadeiramente com seu irmão é correr para a morte pois a sua maldição é a própria existência. Assim, decide o seguinte:

Mas ele (Polinices) não precisa de renascer. Sou eu. Ele já se libertou do corpo de mutante. Eu ainda não” [...] “Vou ter com Polinices, eu sei que ele está à minha espera [...]. Cansei-me de viver em Caronte. E não há outros lugares que me seduzam na prisão da vida. (Rosa, 2008, pp. 101-102)

¹⁸ Em *Antígona Gelada*, as ordens de Creonte referem a proibição de clonagem de Polinices, devido ao ato “terrorista” que cometeu.

¹⁹ Segundo o texto, Polinices leva a cabo o atentado num evento público em que Creonte se encontra rodeado de guardas e Etéocles, seu irmão, que serve de “escudo humano” para o seu tio.

²⁰ Citado na entrevista ao marcador de 01h57m39s.

Apesar de, em vários aspectos, a peça de Rosa ser muito diversa da de Sófocles, o mesmo desfecho indica-nos a profunda correspondência dos textos com a natureza mítica de Antígona. Mesmo alterando grande parte dos dados das personagens gregas, ao respeitar a natureza do arquétipo, seria inevitável que não acabássemos no mesmo fim, o fim para o qual o próprio nome da protagonista aponta. O protesto da personagem não se dirige apenas às injustas leis de um tirano, à organização social, ao sistema ou a qualquer razão que encontremos numa análise *Hílica* ou *Psíquica* (Miller, 2010). Para Rosa, analisar o mito na sua essência é analisá-lo à luz do gnosticismo. Antígona contesta não só estes erros, mas todas as insuficiências da humanidade, consumando, no seu ato sacrificial, o derradeiro manifesto gnóstico:

Imagina no passado pessoas com os nossos nomes que vivessem dramas idênticos aos nossos, mas a memória delas perdeu-se e por isso repetimos os seus erros. E mesmo se nos lembrássemos, talvez tudo acontecesse de novo e diferente outra vez. A vida é escrava do tempo como os nossos pulmões são escravos do gerador de ar de Tebas 9. (Rosa, 2008, p. 35)

Referências bibliográficas

- Andujar, R., & Nikoloutsos, K. (2017). Sophocles' Antigone. In C. Morais, L. Hardwick, & M. F. Silva (Eds.), *Portrayals of Antigone in Portugal, 20th and 21st Century Rewritings of Antigone Myth* (pp. 13-26). Leiden: Brill.
- Bloom, H. (1996). *Omens of millennium: the gnosis of angels, dreams, and resurrection*. New York: Riverhead Books.
- Dick, P. K. (2010). *Do Androids Dream About Electric Sheep?*. London: Gollancz.
- Eliade, M. (1963). *Myth and Reality*. New York: Harper & Row.
- Gillet, G., & Hankey, R. (2014). Sophocles' Antigone and the complexities of suicide. *Hektoen International*, 6(4).
- Jebb, S. (1900). *Sophocles: The Plays and Fragments, with critical notes, commentary, and translation in English Prose*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Liddell, H. G., & Scott, R. (1940). *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press.
- Miller, R. (2010). Who is She? Mary Magdalene and Gnosis. In A. N. Rosa, *Mary Of Magdala - A Gnostic Fable* (pp. 159-174). New Orleans: Spring Journal Books.
- Rosa, A. N. (2006). *The Untold Story: A ghostly mythodrama in one act*. Foreword by Susan Rowland, with essays by Christine Downing and Marvin Carlson. New Orleans: Spring Journal Books.
- Rosa, A. N. (2008). *Antígona Gelada*. Coimbra: Fluir Perene.
- Rosa, A. N. (20 de Janeiro de 2021). Visão Gnóstica do Universo Dramatúrgico de Armando Nascimento Rosa (Entrevista; T. A. Ferreira, Entrevistador).
- Smith, N. (18 de julho de 2018). *The Gnosticism of Harold Bloom – Or What Does The Daemon Know*. Nathan Smith Books . <https://www.nathansmithbooks.com/blog/2018/7/18/the-gnosticism-of-harold-bloom-or-what-does-the-daemon-know>

Resumo

O presente estudo pretende observar os pontos de conexão entre as obras *Antígona* de Sófocles e *Antígona Gelada* de Armando Nascimento Rosa à luz de uma compreensão gnóstica do mito. Esta análise é suportada na entrevista realizada a este último autor (janeiro de 2021) e no estudo de obras de tragédia grega, de ficção científica e do gnosticismo.

Verificando-se que a peça teatral *Antígona Gelada* parte da mesma natureza arquetípica da *Antígona* de Sófocles, analisa-se a primeira enquanto receção dramática do mito sofociano à luz de um gnosticismo radical, elencado por Harold Bloom nas várias obras suas dedicadas a este tema. Conclui-se que a influência gnóstica de *Antígona Gelada* revela, no arquétipo da protagonista, um discurso ontológico perante as insuficiências da condição humana. Este, apesar de enunciar um desvio às leituras materialistas feitas ao mito de Antígona no período moderno, faz Antígona confrontar a *polis* com um alternativo conceptual de empatia não inscrita nos aparelhos ideológicos de um estado democrático, não deixando, por esta razão, de ser um discurso político.

Abstract

The present study aims to observe the points of connection between Sophocles' *Antigone* and Armando Nascimento Rosa's *Antígona Gelada* in light of a Gnostic understanding of the myth. This analysis is supported by an interview conducted with the latter author (January 2021) and by the study of works on Greek tragedy, science fiction, and Gnosticism.

Noting that the play *Antígona Gelada* stems from the same archetypal nature as Sophocles' *Antigone*, the first is analyzed as a dramatic reception of the Sophoclean myth in the light of a radical Gnosticism, as outlined by Harold Bloom in his various works on the subject.

It is concluded that the Gnostic influence in *Antígona Gelada* reveals, through the protagonist's archetype, an ontological discourse on the inadequacies of the human condition. Despite indicating a departure from the materialist interpretations of the Antigone myth in the modern period, this influence makes Antigone confront the polis with an alternative concept of empathy, one not inscribed in the ideological apparatuses of a democratic state, thus maintaining a political discourse.